

De homine: Iniciação à antropologia tomásica

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

1. Introdução: O homem é um microcosmo

Conhecer o homem é, de certo modo, conhecer toda a criação, porquanto, “No homem se encontram de certo modo todas as coisas”¹. De fato, quando pensa, o homem assemelha-se aos anjos; quando sente, é semelhante aos animais; ao nutrir-se, assemelha-se às plantas; porque tem um corpo, torna-se semelhante aos seres inanimados. Agora bem, todas estas ações, conforme descrevemo-las, encontram-se, no homem, sob o domínio da razão. Com efeito, é a razão que torna o homem diferente dos anjos, posto que os anjos conhecem por intuição, e não por raciocínio; é também a razão que torna o homem distinto dos animais, porque, no homem, a sensibilidade encontra-se sob o domínio da razão; ademais, algumas das suas funções vegetativas, ele pode realizá-las voluntariamente, como a alimentação, a manducação dos alimentos, além de poder valer-se delas para a sua utilidade; por fim, o seu corpo realiza uma certa unidade do todo com as partes, não é um amontoado de matéria como os corpos inanimados. Destarte, assim como o homem, pela sua razão, domina as coisas que nele se encontram, de igual modo ele pode dominar as coisas que estão fora dele: os seres inanimados, as plantas e os animais. Sem embargo, é nisto que consiste a sua superioridade: ele pode fazer uso de todas as coisas livremente através da sua razão. Portanto, na ordem material “A razão no homem ocupa o lugar do que domina, e não do que está submetido à dominação”².

¹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. I, 96, 2, C.

² *Idem. Op. Cit.*

O presente texto pretende estudar o homem, *animal rationalis*. A ordem na qual procederemos será, formalmente, a mesma adotada pela *Summa Theologiae I, quaestiones 75 a 77*. Evitando dar uma feição apologética a nossa *expositio de homine*, o texto se concentrará mais na *respondeo* de cada questão, só recorrendo às respostas às objeções quando isto se fizer necessário para o esclarecimento do próprio argumento expositivo. Alguns enxertos na ordem proposta serão feitos, sem, no entanto, quebrá-la, pois a abordagem do Aquinate acerca do homem não se resume às questões acima citadas.

A ordem será essa: primeiro, consideraremos a natureza do homem. E, na consideração da sua natureza, a alma humana ocupará lugar privilegiado, sendo que o corpo só será contemplado em nossa análise, enquanto estiver relacionado com a alma. Agora bem, quanto à alma, será objeto de estudo primeiro o que concerne à sua essência, depois o que seja conducente à sua potência. Consoante a própria essência da alma, duas coisas elegeremos como objeto de análise: a alma em si mesma e a alma no que se refere à sua união com o corpo.

Com respeito à alma em si mesma, o objeto da nossa pesquisa será: saber se a alma é um corpo; se ela é algo subsistente; se o homem é sua alma ou se é um composto de corpo e alma; se a própria alma é composta de matéria e forma; se ela é incorruptível; enfim, se a alma humana é da mesma espécie que a do anjo. Nesta questão inserimos, de nossa parte, a diferença entre princípio de individuação e princípio de individualidade.

No que se refere à união da alma com o corpo, contemplaremos, em nossa investigação: se o princípio intelectual se une ao corpo como forma; se este princípio se multiplica numericamente com a multiplicação dos corpos ou se há um princípio intelectual para todos os homens; se em um corpo que tem um princípio intelectual como forma, há outra alma; se pode haver, num mesmo ente, mais de uma forma substancial; se o corpo humano é apto para receber o princípio intelectual; se este princípio intelectual se une ao corpo mediante outro corpo ou intermediário; se a ele está unido por acidente, e se alma está tota em toda parte do corpo.

No que diz respeito às potências da alma, faremos delas apenas uma abordagem geral. Analisaremos: se a essência da alma é sua potência; se a alma possui uma ou várias potências; se várias, como tais potências se distinguem; se há, entre as potências, uma ordem; se a alma é sujeito de todas as suas potências; se estas potências emanam da essência da alma; se uma potência procede da outra; se todas elas permanecem após a morte.

Alguns artigos foram omitidos e outros serão expostos somente de maneira concisa, conforme a relevância ou não da sua abordagem para a filosofia. Passemos ao desenvolvimento do que propusemos.

2. *Da essência da alma*

2.1. *A alma não é corpo*

A alma (*anima*) pode ser definida como o primeiro princípio de vida, a ponto de os seres que nos cercam dividirem-se em animados (*animata*), porque possuem a vida, e inanimados (*inanimatas*), porque dela carecem. Ora, as principais obras que manifestam a vida são: o conhecimento e o movimento. Agora bem, é claro que, a modo de princípio segundo, os corpos podem ser considerados princípios de vida. Assim, o coração é o princípio de vida do animal. No entanto, o corpo enquanto corpo, não é um princípio de vida. Do contrário, todos os corpos seriam vivos: a pedra, a madeira, etc. Portanto, segue-se que a alma é o primeiro princípio de vida. Logo, o corpo enquanto tal, só possui a vida em potência. Destarte, a alma, possuindo a vida em ato, define-se como sendo *o ato de um corpo organizado que tem a vida em potência*.³

2.2. *A alma é subsistente*

Acerca da alma humana, a primeira coisa a se considerar é que ela se encontra apta para conhecer a natureza de todos os corpos que a rodeiam. Entretanto, para que esta assertiva seja verdadeira, importa salientar que ela não é nenhum destes corpos, pois não se pode conhecer nada que lhe seja inerente por natureza. Em uma palavra: para poder conhecer algo,

³ *Idem. Op. Cit.* I, 75, 1, C.

é mister não sê-lo.⁴ Por exemplo, a língua do enfermo, por ter um gosto amargo, encontra-se inapta para sentir o sabor doce e quaisquer outros sabores; para ela, tudo terá um gosto amargo. Assim a alma se possuísse, em sua natureza, alguma semelhança com os corpos que conhecerá, encontrar-se-ia inapta para conhecê-los. Ademais, a alma não pode ser um órgão corpóreo, pois assim estaria determinada a conhecer apenas uma espécie de corpos, e não todos os corpos. Por exemplo, se houvesse apenas a pupila, só a qualidade sensível da cor seria perceptível. Agora bem, como a alma não é corpo ou órgão corporal, e como, de resto, possui operações nas quais o corpo não tem parte alguma, é evidente que ela age por si. Ora, tudo o que age por si subsiste por si, pois o agir segue o ser e o modo de agir o modo de ser. Logo, a alma humana, que também é chamada de mente ou intelecto, é incorpórea e subsistente.⁵

2.3. Somente a alma humana é subsistente

O mesmo não acontece com os animais irracionais, pois somente o intelecto opera por si mesmo, isto é, independentemente do corpo. Por exemplo, a pupila, ao ser impressionada por uma cor, é determinada por esta cor, isto é, ela muda quando recebe a qualidade ou espécie desta cor. Isso mostra, de forma patente, que as potências sensitivas não agem por si, mas em conjunto com os órgãos corporais. Logo, como a operação segue o ser e o modo de operar o modo de ser, é evidente que a alma dos animais não é subsistente, pois não opera por si mesma, mas em conjunto com os órgãos corporais.⁶

2.4. A alma não é o homem

Uma vez que a alma humana é subsistente, outra questão a se colocar é se a alma é o homem. Alguns sustentaram que sim, ao defenderem que somente a forma entra na razão da

⁴ Exceto o espírito que, exatamente por sua imaterialidade, pode conhecer o que é imaterial, pois pode tornar-se, de certo modo, o que ele não é.

⁵ *Idem. Op. Cit.* I, 75, 2, C.

⁶ *Idem. Op. Cit.* I, 75, 3, C.

espécie. Ora, a razão da espécie é dada pela definição. Agora bem, a definição não contempla apenas a forma, senão também a matéria. Por isso, nos seres naturais, a matéria também é algo que os torna específicos. É claro que não falamos da matéria assinalada, que é princípio de individuação nos seres, mas da matéria comum, que se encontra em todos os seres daquela espécie. Por conseguinte, assim como é da razão deste homem ter esta alma, esta carne e estes ossos, é igualmente da razão de homem ter alma, carne e ossos. Portanto, a alma não é o homem, mas o homem é um composto de alma e corpo.⁷

2.5. A alma não é composta de matéria e forma

A alma humana não é composta de matéria e forma. Cumpre notar que cada coisa é recebida pelo seu recipiente segundo o modo de ser deste recipiente. Ora, o intelecto humano recebe as coisas segundo as suas formas absolutas⁸. Por exemplo, ele recebe a pedra enquanto é pedra, ou seja, em sua forma absoluta de pedra. Logo, se o modo de receber segue o modo de ser, e o intelecto recebe as formas absolutas das coisas, ele é uma forma absoluta. D'outro modo, ele poderia receber somente a forma material ou sensível dos seres corporais, e assim só poderia conhecê-los enquanto singulares, pois a matéria é o princípio de individuação das formas. Todavia, tal tese é desmentida pela reflexão acerca da natureza do nosso ato intelectual, que mostra que o intelecto é a faculdade do universal. Donde ser impossível que a alma intelectual seja composta de matéria e forma.⁹

2.6. A alma do homem é incorruptível

Acerca da incorruptibilidade da alma, é mister precisar que uma coisa só pode ser corrompida de duas maneiras: por si ou por acidente. Ora, já sabemos que a alma é subsistente, isto é, existe por si. Logo, é impossível que ela seja corrompida por acidente, pois

⁷ *Idem. Op. Cit.* I, 75, 4, C.

⁸ *Solutus*= livre de todo vínculo, solto. A forma absoluta é, portanto, a que está livre da matéria e das condições materiais. Em uma palavra, é a forma inteligível.

⁹ *Idem. Op. Cit.* I, 75, 5, C.

a geração e a corrupção seguem o ser, ou seja, uma coisa que subsiste por si, só pode ser gerada ou corrompida por si. Porém, é impossível que a alma se corrompa por si, pois ela é simples, e só a matéria pode ser sujeito de corrupção ou geração. Como também já vimos, a alma é uma forma absoluta, isto é, uma forma que subsiste por si. Agora bem, o que por si convém a alguma coisa é inseparável dela. Ora, o ser convém por si à forma subsistente, que é ato. Logo, o ser é inseparável da forma. Logo, a forma não se pode separar do ser. Donde ela ser incorruptível.¹⁰

Ademais, um desejo natural nunca é vão. Ora, cada um deseja ser segundo o seu modo. Por exemplo, nos seres cognoscentes, o desejo segue ao modo de conhecer. Assim os sentidos, que não conhecem o ser, senão referindo-o ao aqui e agora, não podem desejar nada além daquilo que os remeta ao aqui e agora. Por outro lado, o intelecto que, por sua própria natureza, conhece o ser imutável, universal e necessário, abstraído do espaço e do tempo, não pode desejar senão permanecer para sempre. Logo, como um desejo natural nunca pode ser vão, decorre que a alma intelectiva é incorruptível.¹¹

2.7. A alma humana não é da mesma espécie que o anjo

Nas substâncias incorpóreas, isto é, não compostas de matéria e forma, há sempre diferença específica. Ademais, nestas formas subsistentes, a diferença numérica segue sempre a diferença específica, e esta, por sua vez, implica sempre numa diferença essencial. Ora, tanto a alma humana como o anjo são formas subsistentes. Logo, distinguem-se, numérica e essencialmente, pela diferença específica que, de veras, possuem.¹²

¹⁰ *Idem. Op. Cit.* I, 75, 6, C.

¹¹ *Idem. Op. Cit.*

¹² *Idem. Op. Cit.* I, 75, 7, C.

2.8. *A matéria como princípio de individuação*

Passemos a indagar como podemos distinguir os entes de uma mesma espécie. Sem embargo, o que diferencia os entes que possuem a mesma essência, isto é, que estejam no mesmo gênero e que se encontrem, ademais, na mesma espécie? O que torna um homem, por exemplo, distinto do outro? Para entendermos isso, mister é termos presente que a natureza ou essência compreende tudo aquilo que está contido na definição de uma espécie. Ora, a humanidade, entendida como natureza humana, compreende tudo aquilo que é da espécie humana. De fato, é pela humanidade que o homem é homem. Agora bem, embora a humanidade inclua que o homem deva ter carne e osso, pois já sabemos que o homem não é a sua alma, mas um composto substancial de corpo e alma, ela não inclui a matéria individualizante, ou seja, que o homem deva ter esta carne ou estes ossos, ou, ainda, que ele seja branco ou negro. Logo, o homem não é somente a sua humanidade, isto é, a sua essência. E o que distingue um homem de outro é justamente esta matéria assinalada ou individualizante. Destarte, este homem se distingue daquele por ter esta carne e estes ossos.¹³ Assim sendo, a matéria individualizante ou assinalada é, pois, o princípio de individuação da espécie.

2.9. *A forma como princípio de individualidade*¹⁴

Ora bem, o que nos torna indivíduos? Para responder a esta questão, devemos, antes de tudo, saber o que é um indivíduo. Ora, um indivíduo é um ser dividido de todos os outros seres, e, desta sorte, não divisível em outros seres. Portanto, um indivíduo é um ser indiviso, isto é, uno. Agora bem, o que nos permite distinguir uma espécie de outra é a forma, e o que nos possibilita distinguir um homem enquanto indivíduo de outro é a matéria individualizante. A espécie humana, por exemplo, é distinta das demais espécies por sua forma, a saber, sua alma racional. Ao contrário, um homem se distingue de outro homem por ser um indivíduo,

¹³ *Idem. Op. Cit.* I, 3, 3, C.

¹⁴ GILSON, Etienne. **O Espírito da Filosofia Medieval**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. 264 a 272.

ou seja, único e indivisível. E o que o torna um indivíduo é o seu princípio de individuação, a saber, a sua matéria individualizante.

Agora bem, seria, porventura, correto afirmar que o que me faz diferente de outrem, consiste, destarte, somente no fato de eu possuir uma porção de matéria diferente da dele? Deveras, não! Sem entrarmos numa antropologia da pessoa, responderemos, de início, que se deve distinguir: o *princípio de individuação* – que, de fato, é a matéria – do *princípio de individualidade*. Com efeito, é o ser da substância concreta, que procede da forma, que determina e atualiza a matéria, dando-lhe, desta sorte, o ato pelo qual ela poderá exercer a individuação. Por conseguinte, em última instância, a matéria deve à forma o seu ato de ser princípio de individuação da substância. Destarte, a individualidade pertence à substância racional, isto é, ao homem enquanto tal. Pensar o contrário, ou seja, que a substância concreta deva a sua individualidade somente à matéria seria um contrassenso, pois tal conclusão nos levaria a afirmar que a matéria é superior à forma, o que equivaleria a dizer que a potência é superior ao ato. Porém, o contrário é que é verdadeiro: a matéria existe para a forma da mesma maneira que a potência para o ato.

Ora, sendo a matéria o princípio de individuação, e a forma princípio de distinção entre as espécies, pode-se concluir, de imediato, que a espécie é superior ao indivíduo e que este deve existir somente para a espécie? Não! De fato, Tomás, ultrapassando aqui a Aristóteles, chega à doutrina do *primado do indivíduo*. De fato, o indivíduo, embora tendo o seu princípio de individuação na matéria, não deve, nem única e nem principalmente a ela, a sua *individualidade*. Com efeito, a matéria só pode ser princípio de individuação porque recebeu da forma o ato de assim ser. Por isso, é à sua forma que o homem deve, enquanto causa primeira, a sua individualidade. De sorte que o indivíduo passa a estar, sob este aspecto, em pé de igualdade com a espécie, pois, inobstante de modos diversos, ambos devem à forma a sua existência.

Ora bem, as substâncias, enquanto tais, são sempre indivíduos. Quando se trata do homem, é a sua alma – forma incorruptível e que torna o homem um indivíduo – a responsável pelo mesmo indivíduo ser incorruptível. Portanto, no caso específico do homem, o elemento incorruptível é o mesmo que o torna indivíduo, a saber, a sua alma. Onde, no homem, a multiplicidade da espécie não se deve apenas à permanência da espécie, deve-se, ademais, à existência dos indivíduos enquanto tais, pois é a própria forma do homem, isto é, a sua alma racional, que também é o seu princípio de individualidade, que permanece e não somente a espécie. De fato, nas substâncias incorruptíveis – e a alma humana, ainda que incompleta, é uma substância incorruptível, pois pode subsistir sem o corpo – não só a espécie

permanece, mas também o indivíduo. Logo, o homem, enquanto indivíduo, é um bem em si, querido por si mesmo, e não somente em vista da espécie.

3. Sobre a união substancial de alma e corpo

3.1. Proêmio: União accidental e união substancial

Antes de tudo, distingamos: *união accidental* de *união substancial*. A união accidental é aquela que se dá entre a substância e os seus acidentes. Nela, a união não passa da existência de uma entidade em outra. Já a união substancial consiste na composição de dois seres que, tomados separadamente, permanecem incompletos, mas que, unidos, completam-se, formando um só ser. Ora, a união substancial é a que se dá entre matéria e forma. Esta é a união existente entre alma e corpo.¹⁵

3.2. A alma intelectual é forma do corpo

O princípio primeiro pelo qual uma coisa age é a sua forma. Por conseguinte, é à forma da coisa que se atribuem todas as ações. Agora bem, o princípio primeiro pelo qual um corpo organizado, que tem a vida em potência, vive e opera, já o sabemos, é a alma. Ela é o princípio primeiro de todas as suas operações, tanto da alimentação, quanto da sensibilidade e ainda do conhecimento. Logo, a alma é a forma do corpo. Ademais, nada age senão enquanto está em ato. Ora, a forma refere-se à matéria como o ato em relação à potência. Agora bem, a alma é o primeiro princípio de vida e operação de um corpo organizado, podendo, inclusive, ser definida como o ato de um corpo organizado que tem a vida em potência. Logo, a alma é a forma do corpo. Além disso, a natureza de cada coisa é revelada pela sua operação, pois o operar segue o ser e o modo de operar o modo de ser. Ora, a operação própria do homem é o

¹⁵ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 468.

conhecimento intelectual. É por ele que o homem se distingue de todos os animais. Agora bem, o que especifica algo, determinando-lhe a espécie, é a forma. Logo, sendo o conhecimento intelectual aquilo que especifica a natureza humana, composta de alma e corpo, e sendo que o primeiro princípio de vida de um corpo é a alma, vida esta que se manifesta precipuamente pelo conhecimento, segue-se que alma é a forma do corpo.¹⁶

3.3. *O homem não possui senão uma alma: a intelectual*

É fato que a alma humana não é apenas intelectual, senão que também sensitiva e vegetativa. Ora, o homem possui três almas? Decerto que não. Para compreendermos isso, precisamos admitir certos pressupostos. Com efeito, as espécies e as formas se distinguem conforme possuam um maior ou menor grau de perfeição. Assim, os seres inanimados são inferiores aos animados, os animais são superiores às plantas, e o homem é superior aos animais. Aristóteles, no livro *VIII da Metafísica*, explica que a diversidade nos graus de perfeição nas espécies, assemelha-se à dos números, que diferem um do outro conforme adicionam ou subtraem-se as unidades. Assim, a alma sensitiva dos animais é mais perfeita que a alma vegetativa das plantas, porque a alma sensitiva dos animais contém a alma vegetativa das plantas, e a alma humana é superior a das plantas e animais, porque contém as almas vegetativas e sensitivas. Não que sejam três almas, mas tão-somente uma que contém a perfeição das outras duas. No livro *II do De Anima*, Aristóteles explica que acontece com as almas algo semelhante ao que ocorre com as figuras geométricas, em que uma contém a outra. Por exemplo, o pentágono, que não é um quadrado ao mesmo tempo, contém, virtualmente, a figura do quadrado. Ora, assim a alma intelectual do homem, sem se multiplicar numericamente, contém, virtualmente, a alma sensitiva do animal e a vegetativa das plantas. Isto significa que Sócrates não é racional por uma alma, animal por outra e vivo ainda por outra, mas por apenas uma.¹⁷

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. *Op. Cit.* I, 76, 1, C.

¹⁷ *Idem. Op. Cit.* I, 76, 3, C.

3.4. *O homem possui apenas uma forma substancial: a alma intelectual*

É preciso se afirmar que o homem não possui senão uma forma substancial, a saber, a sua alma intelectual. Com efeito, a forma substancial se diferencia da forma accidental. Sem embargo, a forma substancial concede o ser de modo absoluto ao seu sujeito, de tal modo que ela é responsável, tanto pela geração quanto pela corrupção deste sujeito. Já a forma accidental não confere ao seu sujeito senão um modo de ser. Por exemplo, o calor não dá o ser absoluto ao seu sujeito, mas apenas o ser quente. Logo, neste caso, ela (a forma accidental) não é responsável nem pela geração, nem pela corrupção de algo. Agora bem, se disséssemos que há no homem uma outra forma substancial além da intelectual, esta já não seria a forma substancial do homem e, por conseguinte, não seria mais a responsável, por sua presença, pela sua geração, e, por seu desaparecimento, pela sua corrupção. Entretanto, como já afirmamos acima, a alma intelectual é a forma substancial do homem e é ela que realiza nele, não somente as funções das almas sensitivas e vegetativas, mas também as funções de todas as demais formas inferiores. Destarte, absolutamente (*simpliciter*) falando, é impossível que haja num ser além de uma única e mesma forma substancial, embora seja possível haver várias formas accidentais.¹⁸

3.5. *A conveniência da união de alma e corpo*

Cuida considerar que não é a forma que existe para a matéria, mas é a matéria que existe para a forma. Logo, não é a alma que existe para o corpo, mas o corpo para a alma. Agora bem, é da essência da alma intelectual humana unir-se a um corpo. Ora, a alma intelectual do homem encontra-se no grau ínfimo das substâncias espirituais. Com efeito, diferentemente do anjo que possui um conhecimento inato das espécies inteligíveis, a alma humana precisa abstraí-las das representações imaginárias, onde se encontram as espécies sensíveis. Donde, para ela, não basta estar apta para conhecer, pois precisa sentir, já que só

¹⁸ *Idem. Op. Cit.* I, 76, 4, C.

consegue chegar ao inteligível por meio do sensível. Ora, como as suas potências sensitivas necessitam dos órgãos corporais para poderem receber as qualidades sensíveis dos objetos, é conveniente à alma humana unir-se a um corpo bem disposto à recepção da sensibilidade.¹⁹

3.6. *O corpo ordena-se à vida do espírito*

É importante manter sempre presente que a alma intelectual é a forma substancial do corpo. Ser a forma substancial do corpo significa dar-lhe o ser em sentido absoluto. Ora, o ser designa, antes de tudo, um ato, pois o ato de ser é o primeiro dos atos. Logo, ser a forma substancial do corpo é ser o ato primeiro pelo qual este corpo, que possui a vida em potência, passa a possuí-la em ato. Donde, todos os atos deste corpo emanam deste ato primeiro da forma substancial, que é a alma intelectual. Daí, inclusive, que não só as funções vegetativas e sensitivas, mas todas as funções inferiores dimanam do ato proveniente da forma substancial, que, no homem, corresponde à alma intelectual. Logo, é impossível que a forma substancial – a alma intelectual – esteja imersa na matéria ou emerja dela, pois estando a matéria em potência para tudo o que é da sua ordem, e, sendo que a forma substancial ou alma intelectual é a que confere o ato absoluto de ser a ela, é evidente que o próprio corpo organizado em ato, procede da forma substancial ou alma intelectual e não preexiste a ela. Pensar diferente seria dizer que o ato provém absolutamente da potência ou que uma potência intelectual, que é autônoma em relação aos sentidos para a sua operação própria, procede da matéria. Seria o mesmo que admitir que o perfeito procedesse do imperfeito, o que é um absurdo.²⁰

Essa boa disposição da matéria, que se prepara e ordena-se para a vida no espírito, realiza-se por estágio. Antes de receber a alma intelectual, a matéria recebe uma alma vegetativa que, ao corromper-se, dá lugar à geração da alma sensitiva, e esta, ao corromper-se, deixa a matéria apta para receber a alma intelectual. Assim, uma forma inferior dá lugar à outra superior, e está última contém tudo e ainda mais do que a precedente. Com efeito, sendo que a alma intelectual possui uma operação que transcende totalmente a matéria, e, sendo que a operação revela a natureza da coisa, deve-se dizer que a alma intelectual não provém da

¹⁹ *Idem. Op. Cit. I, 76, 5, C.*

²⁰ *Idem. Op. Cit. I, 76, 6, C.*

matéria, mas é uma forma subsistente criada imediatamente por Deus²¹ - pois só Ele pode criar, e cria a partir do nada²² - e simultaneamente ao corpo²³, já bem disposto pelas formas precedentes, para tornar-se, propriamente, um corpo humano.²⁴ Com efeito, antes da criação da alma, só impropriamente se fala em corpo, assim como quando ocorre a separação de alma e corpo pela morte, só impropriamente continua-se a falar em corpo, pois o que na verdade sobra são apenas os restos mortais, já que é a alma que faz com que um amontoado de matéria se torne um corpo organizado. Ademais, nenhuma destas preparações que a matéria sofre antes de receber a alma intelectual, são causas: nem da alma intelectual, nem dos atos próprios da alma intelectual. Ademais, nenhuma destas formas substanciais precedentes coexistem com a alma intelectual, sendo que uma só dá lugar para outra, corrompendo-se. Assim é a alma intelectual, que, uma vez criada por Deus - simultaneamente ao corpo - realiza todas as funções das formas inferiores. Por ela, e só por ela, o homem é um ser vivo e um animal racional, isto é, um homem.²⁵

3.7. *A alma une-se ao corpo sem nenhum intermediário*

Isso significa que a alma intelectual, sendo a forma substancial do corpo, não se une a ela por algum intermediário. Ela é o primeiro princípio de vida do composto. Aliás, sendo a forma substancial que, como já dissemos, confere o ato absoluto de ser, por ser ela mesma, por essência, ato, é ela que é, pois, a causa do composto, ou seja, é ela que confere aquela unidade substancial que dá origem ao composto, isto é, que o faz existir em ato. Ora, se ela se unisse ao corpo, mediante outro corpo, ela já não seria a causa absoluta de ser do composto e nem o primeiro princípio de vida e operação dele. Ademais, como ficou provado acima, a forma age por si, isto é, ela independe, por sua própria natureza, da ação de intermediários para agir. Logo, seria contra a sua natural autonomia em relação ao corpo, que ela se unisse ao

²¹ *Idem. Op. Cit.* I, 90, 2, C.

²² *Idem. Op. Cit.* I, 90, 3, C.

²³ A alma não poderia ser criada antes ou depois do corpo, pois o ato próprio é feito na potência própria. Ora, a alma é o ato próprio de um corpo que possui a vida em potência. Logo, a alma é produzida com o corpo, isto é, ao mesmo tempo em que ele: Vide: *Idem. Op. Cit.* I, 90, 4, SC. Ademais, Deus criou todas as coisas em estado de perfeição. Ora, é natural à alma intelectual estar unida ao corpo. Logo, torna-se evidente que Deus criou a alma simultaneamente ao corpo: Vide: *Idem. Op. Cit.* I, 90, 4, C.

²⁴ *Idem. Op. Cit.* I, 118, 2, ad 2. Vide: *Idem. Op. Cit.* I, 118, 3, C.

²⁵ *Idem. Op. Cit.* I, 76, 6, ad 1.

corpo através de outro corpo. Portanto, a forma substancial é a causa única da unidade substancial do composto de matéria e forma. É ela somente que confere a este composto, o ato de ser.²⁶

3.8. *A alma está toda em cada parte do corpo*

Resta dizer que a alma intelectual, em virtude de ser a forma substancial do corpo, precisa estar toda presente em todo ele e em cada parte dele. Sem embargo, ela é a forma e o ato de todo o composto. Ora, o composto é feito de partes. Logo, é impossível que ela seja o ato de todo o composto, sem ser o ato de cada parte que o constitui. Deste modo, sendo o ato de todo composto, a forma substancial ou a alma intelectual, está presente não só no todo, mas em cada parte que o compõe. Além disso, não é que parte dela esteja em uma parte do todo, e outra, n'outra. Na verdade, em virtude da sua unidade, pois sendo imaterial é também indivisível, está toda presente no todo, isto é, em cada uma de suas partes. Agora bem, é claro que esta presença total em todas as partes do corpo, e em cada uma delas, não significa que haja uma presença quantitativa, pois a alma é imaterial, ou, ainda, que opere da mesma forma em todas as partes. Por exemplo, a alma intelectual está toda na vista, mas nela opera apenas o ato da visão. Ademais, ela não se comporta da mesma maneira com a parte e com o todo. Com efeito, com o todo ela se relaciona como com um sujeito a quem ela deve conferir toda a perfeição que lhe é devida. Ela se relaciona com o todo como sendo este o fim em si mesmo. Com as partes, ao contrário, ela só se relaciona enquanto elas são um meio ao qual ela ordena para a maior perfeição do todo.²⁷

²⁶ *Idem. Op. Cit. I, 76, 7, C.*

²⁷ *Idem. Op. Cit. I, 76, 8, C.*

4. *Acerca das potências da alma em geral*

4.1. *As potências da alma não se identificam com a sua essência*

Com relação às potências da alma, é mister dizer que elas não se identificam com a sua essência. Para entendermos isso, importa considerarmos o seguinte. A potência e o ato dividem o ente que está em qualquer gênero. De sorte que a potência e o ato não pertencem a um gênero em particular, por exemplo, ao gênero substância, precisamente porque eles estão presentes em todos os gêneros. Sendo assim, é certo que as operações da alma, como o conhecimento e outros movimentos, que ora se encontram em potência ora em ato, não se identificam com a sua substância. Com efeito, esta identidade só ocorre em Deus, cuja potência (ativa), que é o primeiro princípio de operação, se confunde com a Sua essência ou substância, que é ato puro. Não assim com a alma. Sem embargo, a alma é, primeira e propriamente, o ato de um corpo organizado que tem a vida em potência. Destarte, em relação às outras operações vitais, como o conhecimento e demais movimentos, ela se encontra em potência, razão pela qual, como diz Aristóteles – referindo-se ao conhecimento – a alma está, em sua origem, qual tábula rasa onde nada foi escrito. Por exemplo, em relação ao conhecimento sensível, ela só passa a estar em ato quando as suas potências sensíveis são impressionadas pelos seus sensíveis próprios, e, com relação ao conhecimento intelectual, quando o intelecto agente, abstraindo dos fantasmas, atualiza as espécies inteligíveis, que, por sua vez, quando recebidas pelo intelecto possível, atualizam-no. Portanto, o conhecimento e as outras operações são faculdades da alma que não se identificam com a sua essência ou substância.²⁸

²⁸ *Idem. Op. Cit.* I, 77, 1, C.

4.2. Há uma pluralidade de potências na alma

Ademais, urge admitir que a alma possui uma pluralidade de potências. Ora, assim como é próprio das realidades superiores alcançarem a sua perfeição própria por meio de poucos movimentos, é próprio do que é inferior alcançar a sua perfeição mediante muitos movimentos. Por exemplo, quem precisa de muitos remédios para se manter saudável, possui uma saúde mais frágil do que aquele que precisa de poucos medicamentos para tanto. Assim, quem não precisa de medicamento algum para se manter saudável, possui uma saúde robusta. Agora bem, a alma encontra-se no grau ínfimo das substâncias espirituais, posto que se encontra unida ao corpo e necessita dele para realizar muitas das suas operações, exclusive o conhecimento intelectual. Por conseguinte, ela só poderá atingir a sua perfeição própria através de muitas operações. Além disso, por encontrar-se na fronteira entre o espiritual e o corporal, a alma necessita possuir as potências de ambas as ordens.²⁹

4.3. As potências da alma se distinguem segundo os seus atos e objetos

Além do mais, é preciso afirmar que estas potências se diversificam conforme os seus atos e objetos. Com efeito, como a potência ordena-se ao ato, a diversidade das potências será congruente à diversidade dos atos. Por exemplo, a potência da visão está ordenada para o ato de ver; a potência sensível da audição está ordenada para ouvir, e assim por diante. Ora bem, os próprios atos, por sua vez, estão ordenados para os seus objetos, posto que toda ação tende para o seu fim. Assim, a visão está ordenada para a cor, a audição para o som e o paladar para o sabor. Portanto, como as potências da alma ordenam-se para os atos e estes para os seus objetos, segue-se que as potências da alma se diversificarão segundo a diversidade dos seus atos e objetos.³⁰

²⁹ *Idem. Op. Cit. I, 77, 2, C.*

³⁰ *Idem. Op. Cit. I, 77, 3, C.*

4.4. A ordem existente entre as potências da alma

As potências da alma apresentam certa ordem, conforme tudo aquilo que procede do uno. De fato, sendo a alma una, possui, entretanto, múltiplas potências. Mesmo a ordenação entre as potências apresenta certa variedade, seja no que tange à dependência uma da outra, seja segundo a consideração dos seus objetos. Em relação à ordem segundo a qual uma potência depende da outra, esta disposição pode ser considerada: segundo a natureza ou segundo a geração e o tempo. Ora, segundo a natureza, o imperfeito procede do perfeito. E assim, deve-se dizer que as potências sensitivas são posteriores às potências intelectivas e são por elas governadas e comandadas. Do mesmo modo, as potências sensitivas são anteriores às vegetativas. Segundo o tempo e a geração, é o imperfeito que evolui para o perfeito. Desta feita, as potências vegetativas é que dispõem o corpo à sensibilidade, e as potências sensitivas preparam o corpo para a ação das potências intelectivas. Quanto à ordem relativa à consideração dos objetos, o que é visível é anterior às outras qualidades sensíveis, pois ser visível é comum aos corpos superiores e inferiores. Desta sorte, o que é audível também precede ao que é odorífico, pois a audição procede da percepção do ar, que é anterior à combinação de elementos que causa o odor.³¹

4.5. Nem todas as potências da alma encontram-se nela como em seu sujeito

Nem todas estas potências encontram-se na alma como em seu sujeito. De fato, o sujeito de uma potência ativa é o que é capaz de agir e o que realiza a ação, age. Ora, há ações que a alma realiza sem a necessidade dos órgãos corporais, a saber, o conhecimento intelectivo e o querer. Logo, em relação às potências intelectivas, deve-se dizer que elas se encontram na alma como em seu sujeito. No entanto, no que toca às operações concernentes

³¹ *Idem. Op. Cit.* I, 77, 4, C.

às potências sensitivas e nutritivas, como ambas dependem dos órgãos corporais para se realizarem, devem ser atribuídas ao composto como ao seu sujeito, e não apenas à alma.³²

Isto não significa que o ato de conhecer e o ato de querer sejam um ato só da alma, e não do homem! Ainda que, em relação a estas ações, a alma prescindia do corpo, em virtude da sua união substancial com ele, elas devem ser atribuídas ao composto, isto é, ao homem. Em razão desta união, atende que toda ação, quer tenha a alma como seu sujeito ou apenas como seu princípio, deve ser atribuída ao homem, que, em virtude da união substancial, passa a ser um centro de atribuições.³³

4.6. Todas as potências da alma procedem da sua essência

Isso não quer dizer, tampouco, que apenas aquelas potências que têm a alma como sujeito derivam da sua essência. Com efeito, por ser a alma, enquanto forma substancial, a que dá o ato absoluto de ser ao composto, as operações da alma, que só se dão com o auxílio do composto, isto é, do corpo e da alma, também nos remetem à essência da alma como a seu primeiro princípio.³⁴

4.7. Uma potência da alma procede de outra

Agora bem, como se dá esta processão? Com efeito, nas coisas que procedem de uma só, acontece que todas procedem da primeira, e a mais próxima da primeira é a causa da mais afastada, pelo que se cria uma escala na qual uma procede da outra. Ora, verificamos que a alma, sendo una, possui uma pluralidade de potências que procedem dela segundo certa ordem. Do ponto de vista da finalidade, a processão acontece numa escala descendente. Por exemplo, é certo que o sentido existe para o intelecto e não o contrário. Ora, sendo assim, o sentido procede do intelecto como o imperfeito do perfeito. No entanto, se considerarmos sob

³² *Idem. Op. Cit.* I, 77, 5, C.

³³ *Idem. Op. Cit.* I, 75, 2, ad 2.

³⁴ *Idem. Op. Cit.* I, 77, 6, C.

a perspectiva do princípio receptivo, a escala é ascendente. Por exemplo, é claro que o animal é gerado antes que o homem, e o ser vivo antes que o animal, visto que o ser vivo prepara a matéria para receber o animal, e o animal, por sua vez, dispõe o corpo para a recepção do princípio intelectual.³⁵

4.8. *Quais potências da alma permanecem na alma separada*

Por fim, Tomás questiona se estas potências da alma permanecem na alma separada do corpo pela morte. Resolve da seguinte maneira. Conforme havíamos dito, as potências intelectivas, intelecto e vontade, referem-se à alma como ao seu sujeito, pois a ação da inteligência e da vontade independem da matéria. As demais potências, a saber, a sensitiva e a vegetativa, reportam-se à alma como a seu princípio primeiro, mas não como ao seu sujeito, posto que, uma vez que precisam dos órgãos corporais para realizarem as suas operações, elas têm ao composto como sujeito. Agora bem, como o composto é desfeito pela separação de alma e corpo, é claro que estas potências não permanecem na alma separada, salvo virtualmente, visto que elas têm a alma como o seu princípio primeiro.³⁶

Apenas de relance, sintetizemos os resultados mais importantes da nossa pesquisa.

5. *Conclusão*

Quanto à alma em si mesma, deve-se dizer, antes de tudo, que ela não é corpo, mas ato de um corpo que tem a vida em potência. Ademais, a alma é subsistente, pois, não sendo um corpo, também não depende dele em sua operação mais alta, a saber, o conhecimento intelectual. Ora, se não depende do corpo para agir, pode subsistir sem ele. Como só a matéria se corrompe, e como o operar segue o ser e o modo de operar o modo de ser, conclui-se que, tendo uma operação que independe da matéria, isto é, o conhecimento intelectual, a alma humana é incorruptível. Agora bem, conquanto a alma não seja um corpo, é da essência da

³⁵ *Idem. Op. Cit. I, 77, 7, C.*

³⁶ *Idem. Op. Cit. I, 77, 8, C.*

alma estar unida a um corpo. Ocorre entre a alma humana e o corpo uma união substancial, de sorte que desta união surge um ser uno, a saber, o homem. Portanto, este não é a sua alma, mas um composto de corpo e alma. De resto, a alma humana não é da mesma espécie do anjo, que é uma forma pura que, por natureza, não se encontra unida a um corpo.

No que toca à união da alma com o corpo, deve-se negar, antes de qualquer coisa, que haja um só princípio intelectual para todos os homens. Se o intelecto fosse o mesmo em todos os homens, todos os homens conheceriam a natureza da pedra pela mesma espécie inteligível e simultaneamente. Ora, isto contraria a experiência, que atesta que cada homem faz a sua própria abstração imaginária. No homem existe apenas a alma intelectual que, por ser superior à vegetativa e à sensitiva, realiza-lhe as funções, pois as possui virtualmente. A alma une-se à matéria no mesmo instante em que esta se torna um corpo que se encontra devidamente disposto para receber a vida no espírito. Une-se ao corpo, sem nenhum intermediário. A alma está toda presente não só no corpo todo, mas em cada parte dele por sua essência, e não pela totalidade de sua potência.

No que concerne às potências da alma em geral, deve-se admitir que só em Deus há absoluta identidade entre ser e agir. Logo, a essência da alma não é o seu agir ou a sua potência. A alma, sendo a ínfima das substancias espirituais, só alcança a sua perfeição mediante uma pluralidade de operações. De sorte que é necessário admitir uma pluralidade de potências na alma. Estas se distinguem por seus atos e objetos. De uma forma geral, pode-se dizer que as potências da alma ordenam-se umas às outras, seja pela natureza, pois o imperfeito ordena-se para o perfeito; seja pelo tempo, pois o imperfeito precede, quanto à geração, ao perfeito. Ademais, distinguem-se segundo o grau de simplicidade dos seus objetos. As operações da alma que se encontram nela como em seu sujeito são aquelas que independem do órgão corporal, são as operações intelectuais. As demais se encontram no composto como em seu sujeito, a saber, as operações concernentes às potências vegetativas e sensitivas. Todas as potências da alma procedem da sua essência, pois a forma substancial dá o ser absolutamente ao composto. As potências da alma, segundo a natureza, procedem umas das outras, de acordo com a ordem segundo a qual o imperfeito procede do perfeito, e não o contrário. Somente as operações intelectuais permanecem na alma separada, pois a ela se reportam como ao seu sujeito. As demais potências, que se referem ao composto como ao seu sujeito, destruído o composto pela morte, só permanecem na alma virtualmente, como em seu princípio e raiz.

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 468.

GILSON, Etienne. **O Espírito da Filosofia Medieval.** Trad. Eduardo Brandão. Rev. Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. 264 a 272.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica.** Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. II.